

RELATOS DE UM DEVIR OUTRO: ENCONTROS (IM)POSSÍVEIS COM GILBERT SIMONDON E GILLES DELEUZE

Antonio Almeida da Silva¹

Somos desertos, mas povoados de tribos, de faunas e de floras. Passamos o tempo a ordenar essas tribos, a dispô-las de outro modo, a eliminar algumas delas, a fazer prosperar outras. E todas essas tribos, todas essas multidões, não impedem o deserto, que é nossa própria ascese. Pelo contrário habitam-no, passam por ele, sobre ele. Em Guattari, houve sempre uma espécie de rodeo selvagem, em parte contra si próprio. O deserto, a experimentação sobre si próprio, é a nossa única identidade, a nossa única oportunidade para todas as combinações que nos habitam. (DELEUZE, 2006. p. 22).

Hoje, diferente de outros dias, eu acordei bem cedo e me senti um tanto estranho, não sei exatamente o que aconteceu comigo, mas percebi que algo diferente habitava em mim, senti em mim, que meu corpo respondia de uma maneira diferente aos meus pensamentos, talvez ele, o meu corpo, queria estar em lugar diferente daquilo que eu já havia pensado, ou até mesmo queira ser outro, agir de outra forma, experimentar coisas diferentes, escapar de mim mesmo.

Continuamente sinto que fui outro, que senti outro, que pensei outro. Aquilo a que assisto é um espetáculo com outro cenário. E aquilo a que assisto sou eu. (...) Meu Deus, meu Deus, a quem assisto? Quantos sou? Quem é eu? O que é este intervalo que há entre mim e mim? (PESSOA, 1982, p. 24-5).

Percebi que tudo aquilo que me contornava e me dava certa forma, que até o presente momento e de certa maneira me agradava, que aquela coisa que eu chamava de corpo estava se tornando um ente, um devir de mim mesmo, produzindo uma vontade em mim de se desfazer, me dissolver, desdobrando minhas individualidades, para algo além da matéria e do corpo. Preocupado, não quis arriscar nenhum palpite, então, resolvi estudar um pouco mais sobre isso, entre livros, teses e artigos consultados, após horas de estudo e reflexão, algo foi entendendo em mim, que talvez aquilo que estava me ocorrendo fosse algo próximo ao que acontece quando um sistema está aprendendo a experimentar outras relações com o ambiente, as relações mais imprecisas e impossíveis.

Ahhh, como eu vou escrever sobre isso, acordo bem cedo para estudar e percebo que meu corpo é um sistema. Meu corpo é um sistema? Ora bolas? O que, de fato tinha em mim que me fizesse pensar que eu era um sistema, como assim um sistema, uma porção de coisas pairavam em minha cabeça, acoplamentos, máquinas, computadores e ciborgues, lembrei de inúmeros filmes que abordavam a relação homem máquina, entre eles: “Eu sou um Cyborg mas tudo bem?” um filme do diretor coreano Chan-Wook Park, onde de uma maneira muito irreverente conta a estória de uma jovem, Young-goon que recusava toda a comida que lhe ofereciam, preferindo se alimentar literalmente de corrente elétrica, pois a mesma acreditava ser uma ciborgue.

Eu, de fato, não eu não era um ciborgue, pois não sentia nenhuma armadura, metal ou placa de silício que envolvesse meus órgãos, estes, eu há algumas horas já não os sentia, mas não sentia “oco” por dentro, não entendo muito de física quântica, mas habitava em mim uma espesse de plasma, ou melhor, formava-se no lugar dos órgãos um campo magnético com

¹ Unicamp, Campinas, São Paulo, Brasil. UEFS, Feira de Santana, Bahia, Brasil. E-mail: almeida.uefs@gmail.com.

inúmeras partículas subatômicas dispostas a qualquer tipo encontro. Já não precisava me alimentar, pois, daqui pra frente era autossuficiente, oxidava toda e qualquer matéria.

Agora me ajustando a ideia de ser um sistema. Sistemas que cada um de nós também o é, então, começo a perceber que eu era interdependente de tudo que me estava em minha volta, eu era puro fluxo em busca de mais sinergia, por mais ínfima que seja a partícula, por mais singelo que seja, cada acontecimento me influenciava, sentia me influenciar pelas coisas que me rodeavam. Eu era as outras coisas, era brisa, cheiro estranho que rodeava meu quarto, o medo de acender a luz, a imensa incerteza, as manchas dos líquens e musgos que brotavam sobre o branco das paredes de minha casa, o caminho aleatório formado por algumas formigas, eu era o puro acaso. Percorria uma viagem interna, me refazendo, me revelando em uma experiência singular, já não mais bastava dizer o que sou, ou o que é ser eu, mas entre quais eu sou.

Estava a modo de Gregor Samsa, um dos principais personagens de Kafka, em “A metamorfose”, que numa certa manhã ele, o personagem, acorda metamorfoseado em um inseto monstruoso, o mesmo apresenta uma enorme dificuldade de se movimentar e levantar da cama e deparar com o mundo afora.

Mas não era um inseto, pois, meu esqueleto não era quitinoso, nem ao mesmo sabia se ainda possuía algo que sustentasse meu corpo, sei que não possuía élitros, não estava aprisionado na heteronomia, meu corpo era uma coisa só, fluidez e contágio puro. Não, eu não era um inseto e nenhum outro bicho, nada contra nenhum bicho, eu aceito a minha animalidade.

Então, voltei a pensar na possibilidade de interagir com as outras coisas que estavam ao meu redor. Pensei: agora vou me constituir em algo, não em qualquer coisa, mas somente ser aquelas coisas que me capturam, que me desejam. Gostaria de ser alguns (objetos) de Farnese², coisa sem era nem beira, que só serve para serem emoldurados em seus oratórios. E agora eu sentia que eu era os pregos enferrujados, ciscos, trapos entre outros desobjetos transportados no bolso de Bernardo.

Não costumava separar as coisas em mim, eu era isto, aquilo, uma coleção de coisas, habitava em mim, eu era pura filia e fazia amizade com um tudo. Aquilo que habitava em mim já era uma fusão de diferentes “istos”, puro acidente resultante de uma transmutação da substância, fluxos que vão do orgânico ao inorgânico, escapando de qualquer generalização aristotélica. Eu não era mais uma coisa comum, se ainda existia em algum dado momento uma forma era apenas para poder desformar, se eu ainda não era um ser distinguível, por que, era apenas por uma questão de tempo, em mim nada permanecia e nada perdurava. Um diagrama de tensões operava nos meus excessos. E me excedia o tempo todo. Tinha um fascínio por aquilo que escapava e dissolvia dentro de mim. Deixar me dissolver era uns dos meus caprichos.

Nesse estado de dissolução criava-se ao redor do meu corpo zonas de turbulências, que se propagavam para além do físico, mas algo próprio do invisível, ao difundir-se eu me estendia sobre as conexões imagéticas, sonoras e rizomáticas. Distintas forças de microrelações estabeleciam nas afecções entre diferentes objetos e coisas.

Agora sim, eu estava apto. Sair da minha zona de segurança era mais que necessário, assim sendo, eu me dissolvia em movimentos cadenciados, gostava de operar às vezes tal como um texto, um tempo, uma poesia, uma dança ou talvez uma performance – não necessariamente nesta ordem – permanecia para além dos canais metafísicos num jogo criativo de afetação imanente.

Eu como texto, não gostava de impor minhas ideias, gostava mesmo de deixar discorrer sobre possibilidades de deixar a palavra livre sem as exigências da retórica ou de uma gramática lexical, preferia sempre uma escrita a lápis, um rascunho, uma rasura, uma escrita que operava de maneira primitiva, que não pertencia a objetividade do dizer.

² (Objetos) título do livro de Rodrigo Naves (2002), que apresenta diversos trabalhos de Farnese de Andrade, artista mineiro que cria diferentes objetos ou assemblages com diferentes materiais coletados nas praias e nos aterros.

Eu como poesia. Ah, era curva, um desvio, um desvão, as palavras se desacostavam de sê-las, as palavras queriam mesmo era ser passarinho, menino e brinquedo. Elas se faziam ao brincar e brincavam o tempo todo sobre o papel, tal qual um ser miúdo, sim, eu-palavra-poesia tinha certo desejo juvenil. Quando eu escapava do papel me desfazia e desmanchava em outras imagens.

E na presença ou ausência de um som, eu era a dança, era um corpo seguido de movimentos em movimentos previamente estabelecidos ou improvisados. Escapava de meu corpo qualquer contorno que me fizesse organismo, operava com meus órgãos de maneira que eles pudessem vibrar em cada gesto e afeto.

Nesse inquietante movimento observei que também, que eu era um corpo performático, pois, entregava o meu corpo ao tempo e ao espaço. Em movimentos cambiantes em zigue-zague, meu corpo não cabia em apenas um gesto, pois, ao mesmo tempo em que eu era um, eu estava sendo outro, de tal modo, que eu experimentava o encontro com o texto, a poesia e a dança. Pura sintonia com o diverso.

Eu “eras” um “vazadouro para contradições”; estava me estilizando o meu próprio ser em outros, num movimento contínuo de “desejar ser”, “Com pedaços de mim eu monto um ser atônito” (BARROS, 1998, p. 37).

Lembrei-me de alguns escritos de Nietzsche (1885), quando dizia que o nosso eu é muito mais complexo do que a unidade de nossa consciência. Eu permanecia como uma soma de sensações, múltiplas partículas que planam no espaço, nunca em repouso.

Aos poucos fui dando conta, que na verdade não era nada, mas que estava sendo. Era um estar sendo, um estar no gerúndio, entre o ser, o está sendo, e o deverá ser, existem vários de mim, e “Somos água, terra, luz e ar contraídos, não só antes de reconhecê-los ou de representá-los, mas antes de senti-los”. (DELEUZE, 2006, p. 115)

Existem diferentes fazes do ser, existem diferentes acontecimentos do ser, agora estou me sentindo átomo, me iniciando aos fótons, deixando transitar pelos impulsos e afetos. Eu me arrastava para outro lado num processo contínuo de diferenciação.

Em seus elementos perceptivos, como também em suas vísceras, todo organismo é uma soma de contrações, de retenções e de expectativas. No nível desta sensibilidade vital primária, o presente vivido, já constitui no tempo um passado e um futuro. Este futuro aparece na necessidade como forma orgânica da expectativa; o passado da retenção aparece na hereditariedade celular (DELEUZE, 2006, p. 9).

Assim eu me des-diferenciava de tudo, não havia modulação que me desse forma, escapava o tempo todo de um contorno, não dava nem espaço para representação, no meu pensamento não cabia imagens, só sobrava espaço para o devir. “Estrela foi se arrastando no chão deu no sapo/ sapo ficou teso de flor!/ e pulou o silêncio” (BARROS, 1992, p. 223).

Para além da conservação das minhas estruturas, eu me (des)estruturava e começava a derivar-me do que estava lá fora. Então fui ao encontro com o fora, assim, fui aos poucos saindo fora, quando nem terminei de sair de mim, percebi que, o dentro já estava aberto aos horizontes, eu era todo o afora, foi assim, que me abandonei do dentro. De dentro de mim restava apenas uma multidão. Grunhidos e algumas vozes. Essas vozes pensavam por mim e silenciosamente diziam: - estou a toda sorte a encontro, ao desejo de me abrir para o deslimite, à vontade de me desembaralhar e desfazer da minha própria matéria.

Há anos venho executando movimentos repetitivos, e nunca pude olhar de dentro para o fora, foi aí que decidi experimentar uma nova possibilidade de uma não forma que estava sendo me apresentada.

Vi que era outro, que aquele primeiro já não mais cabia em mim, talvez eu estivesse em busca de minha própria constituição, ou melhor, de me constituir com vários, de ser molécula, átomo, fluxo e extensão de mim mesmo.

A vida arredia à matéria e cada vez mais as fronteiras entre matéria e forma se tornavam difusas, escapavam qualquer distinção entre matéria e vida, tudo era fluxo. A vida era capaz de transformar e fazer variar, numa potência de fazer surgir novas formas, se formatar em contínua invenção. Ao procurar os acidentes no mundo eu me encontrava um acidente em mim mesmo. Eu borbulhava e engendrava em inércia, puro receptáculo de energia de ligação, ser sempre em fluxo.

Tudo que já é, está sendo um conjunto de outros, bem ao modo simondiano de se pensar a individuação, pois, toda vez que se forma um ser, antes de ser o que ele é, já se estava engendrado nesse mesmo ser outros seres, outros corpos e outras vidas. Para Simondon somos apenas buraco, crosta, fissuras de inúmeras individuações e fragmentos de relações. Assim, não somos nada mais que uma reunião de coisas, um rearranjo de matérias um emburacamento de materias de um outro, com tudo isso, criar significa rearranjar.

Em busca de novas sínteses e novos apoderamentos pela trajetória dos materiais e das derivas inumeráveis pelos encontros no mundo se produzia um diagramas de encontros que transcorrem insensatamente pelos processos de criar algo. Eu era minério, plâncton se fazia cubo, esfera e cristal, deslizava em novas formas, mas não me ocupava por muito tempo nesses enquadramentos.

Não faz muito tempo. Eu era apenas um serzinho unidimensional, algo muito próximo a uma linha, algum pedaço ou intervalo monótono, custei por muito tempo em entender que eu precisava me diferenciar. Foi assim, que foi me apresentado um mundo com um pouco mais expectativa, agora disposto a um plano, já conseguia experimentar a criar com a largura e a altura. Deslizava sobre (im)possibilidade de me inventar diante de um único plano infinito, inventava proporções, distancia e comprimentos onde poderia ser um ponto, uma reta, e isso me permitia ficar em posições paralelas ou concorrentes. Do finito ao infinito α : alfa, β : beta e γ : gama, eu ser euclidiano analítico estava composto por muito tempo dessa geometria primitiva. Aos poucos fui me cansando desses intervalos e foi então que compreendi que poderia ter, para além da altura e largura, um gosto por profundidade. Ondas de possibilidades se propagavam pelo espaço. Agora buscava transitar pelas brechas da tridimensionalidade, ocupando-me da largura, do comprimento e da altura.

Já me sentia mais real e mais visível, agradava muito o fato de saber que já poderia ser tocado. Afinal para mim, a tridimensionalidade era a própria existência, mas ainda não estava totalmente satisfeito, pois, escapa de mim um tempo, este que tende buscar fluxos impossíveis da quadridimensionalidade numa disputa mutua entre o espaço e o tempo. Instaura uma curva que inventa novas formas de operar mundo, contínuo acaso e pura invenção.

No entanto, não queria me comportar de maneira polarizada, queria vir a ser, não sei de fato o que seria esse ser, eu queria comportar-me como outro, resolver-me como um resto, um vestígio, uma lama, partículas de pó, um sopro do vento. Assim, diferir de mim mesmo, ser pura relação.

Queria transformar o vento.

Dar ao vento uma forma concreta e apta à foto.

Eu precisava pelo menos de enxergar uma parte física do vento: uma costela, o olho...

Mas a forma do vento me fugia que nem as formas de uma voz

(BARROS, 2000, p. 27³).

³ Nos fragmentos e poemas de Manoel de Barros, por motivos estéticos, optamos por não seguir as normas de citação.

Um processo permanente de individuação, metaestável. Eu, a lama, o pó e o vento nos transformavam, entre eu e os outros já não havia mais limite, não havia interior ou exterior, eu e meio era um só, uma concordância e ressonância com as coisas do meio, sucessivos encontros com energia pura.

Saí do meu quarto e avistei uma bela paisagem, e percebi que a metamorfose não estava acontecendo somente comigo, tudo a minha volta estava em transe e transitava em mim.

[...] a essência da imagem é estar toda fora, sem intimidade, e no entanto mais inacessível e misteriosa do que o pensamento do foro íntimo; sem significação, mas invocando a profundidade de todo sentido possível; irrelatada e todavia manifesta, tendo essa presença-ausência que faz a atração e o fascínio das Sereias.- Maurice Blanchot (BLANCHOT, *apud* BARTHES, 1984, p. 157).

Foi aí que decidi sair, sair dentro de tudo que estava me enquadrando a uma singularidade, buscava realmente outra co-existência. Ali onde existia uma singularidade. Eu agora era outros, não indivíduo, mas uma possível realidade, que estava em constante pré- inter- trans-individuação (pensando a individuação como uma diferença entre forças que perpassam entre o natural e o cultural). Tinha em mim algo de multidão, uma proliferação de vazios e solidões que me individuavam em vários. “Estava consciente disso e espantava-se e maravilhava-se como se tudo se passasse fora dele que se produzia a obra” (GIL, 1986, p. 9).

Como um ser torna aquilo que é? Sendo capturado por um problema Nietziano, o que faz de um indivíduo algo absolutamente único? Não haveria uma única resposta para tal problema e somente o devir seria capaz de habitar nas diferentes realidades pré-individuais.

Não há como ser ou se tornar somente um animal ou uma pedra, para ficar somente nesses exemplos. Tudo está dissolvido em matéria, energia que se funde na alma da natureza, ela a natureza é mãe generosa, permite ao mesmo tempo residir nela o indivíduo e sua diferenciação, assim, cada ser vivo pode ser habitado por inúmeros devires.

Já fora do meu quarto, eu me aproximava de uma maneira diferente da natureza, isso talvez seja indício de uma metamorfose. Estava em busca de um mundo que em mim necessitava ser redescoberto, um mundo como ele é, e não como eu gostaria que ele fosse. E o mundo se abria para pássaros e os girassóis. Eu me abria para a dissolução biológica, física, psíquica, não existia nenhum motivo para distanciar entre mim e o outro. A estética, a ética, em suas ontogêneses, habitavam em mim, assim, como a arte, a filosofia e a ciência, não havia espaço para separação. Nós estávamos na mesma onda, na mesma partícula, dependendo da situação eu era o próprio fluxo de elétrons à abertura de novas possibilidades. Um sistema metaestável deslizando sobre a improbabilidade do eterno criar.

Ao olhar mais atentamente para a natureza, comecei a dar conta, dos inúmeros fluxos de arranjos e possibilidades de experimentação, que talvez a arte possa ter um território fecundo para proliferar criações. Eu tinha diante de mim um laboratório de multiplicidades, assim: vida e arte se experimentam, animais, vegetais e minerais eram apenas concepções de organismos, nada está dado, nada é decisivo, que não se permita à diferenciação e à individuação de cada vivente. A vida quer estar além das formas organizadas, quer transitar entre diferentes reinos, que vão além do orgânico e do inorgânico, daí se abre a uma infinita possibilidade de relação e interconexão entre o material, o organismo e o psíquico.

La meditación sobre el animal transforma radicalmente la concepción del organismo: el órgano es decisivo, por cierto, para la diferenciación y la individuación del viviente, pero la vida no se reduce a estas formas

organizadas. Es asunto de fuerzas y cruza transversalmente los reinos de lo material, lo orgânico y lo psíquico. Em Deleuze, no sólo la vida es inorgânica: trata de abrir el análisis de la subjetividad a los modos vitales no humanos (SAUVAGNARGUES, 2006, p. 16).

Aqui já não nos interessa saber as diferenças entre o homem e o animal, mas o movimento de diferenciação, as relações pré-existentes, o que um produz no outro e com o outro. Existe uma protohumanidade no animal, assim, como existe uma protoanimalidade no humano, há uma gênese comum a todos os corpos, que não pressupõe uma consciência comum, uma maneira comum de diferenciar-se, pelo contrário, são através das interpelações entre diferentes organismos que a multiplicidade se faz na própria diferença, que a todo o momento se difere mudando de natureza “Así pues, el individuo no es ‘de ninguna manera lo indivisible’, sino ‘lo que no cesa de dividirse cambiando de naturaleza’” (DELEUZE *apud* SAUVAGNARGUES, 2006, p. 25).

Toda a individuação não implica em nenhuma diferença, se não aquela que ela mesma estabelece resultado do movimento do próprio ato de criação. É na repetição que se instaura a diferença entre séries heterogêneas.

Ao aproximar das coisas ínfimas da natureza, contemplamos e sentimos antes de representar. Para Deluze (2006) ao contemplar contrairmos um hábito, isto põe em conexão diferentes heterogeneidades. Sentir é um hábito, habita em nós, produz um modo de ligação, uma forma de conectar com os diferentes entes. Eu tinha um enorme deleite pelos arranjos complexos, desde estruturas do macro e do micro, contudo, os arranjos mais simples agitavam em uma estranha curiosidade, eu simplesmente me apegava mais pelas coisas desúteis, me apegava à escória, à borda, à sobra, ao torto e ao marginal. Gostava mesmo dos despropósitos. *As coisas que não levam a nada têm grande importância. Cada coisa ordinária é um elemento de estima* (BARROS, 2010, p. 145).

Ao perambular pela paisagem encontrei inúmeras possibilidades de fazer um entre. Entre um caminhar e outro, comecei a contemplar as pequenas coisas ínfimas do chão, coisas sem condições para nada, restos que apodrecem por nada, coisas abandonadas no encosto. Poderia ser quaisquer umas dessas coisas, poderia ser: um corpo à deriva, um conjunto de paisagens, um cachorro morto na rua, uma lagartixa que imita uma sereia, inúmeros pés de galinha, o barulho dos pedregulhos, estalactites e estalagmites gravadas do chão à parede, um velho barco à deriva. Sem olhar para trás eu capturava tudo, já na cabia mais tanto despropósito em meus bolsos, era tanto o meu despautério, que resolvi fotografar sobre. Nem tudo pode ser fotografado, difícil mesmo é fotografar o fora, mas se tiver paciência e desejo pode fotografar ao mesmo tempo a presença e ausência do inacessível e indiscernível.

Uma voz serena, quase rouca de longe me dizia:

- Agora você vai ter que assumir as suas irresponsabilidades. Eu assumi: entrei no mundo das imagens. (BARROS, 2000, p. 47).

Entre uma imagem ou outra, podia enxergar um espaço, um intervalo, e era isso que podia movimentar territórios mais fecundos, suas composições e atravessamentos formavam verdadeiros diagramas.

Como alguém que coleciona imagens, que ao enquadrar a paisagem deixa mais desenquadrada, transgredindo a imagem perfeita e comportada, *entortando a bunda na paisagem* (BARROS, 2000, p. 47).

Meu olhar era um tanto irresponsável e transgressor, gostava mesmo de distorcer e entortar a realidade. *O pessoal falou: seu olhar é distorcido* (BARROS, 2010, p. 407). E era

mesmo, era estrábico por imagens desassossegadas, algumas imagens tinham movimentos, outras mais lentidão, mas todas pulsavam em mim o desejo de escapar da representação.

O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê./ É preciso transver o mundo. (BARROS, 1998, p. 75)

Assim, já não bastava apenas olhar com os olhos, porque estes sozinhos não davam mais conta, era preciso aguçar todos os sentidos, mas principalmente, ver para além dos sentidos, ver com a imaginação, “tranver” o mundo.

Apesar de uma aposta ao espontâneo, dando vazões para o acontecimento, ao contrário do que se possa pensar, o registro e a produção de imagens tem certo esforço construtivo, fruto de um estudo da técnica, mas só ela em mim nada bastava, era preciso a todo o momento estar atendo ao silêncio, “difícil fotografar o sobre.” Assim eu resguardava ao modo de árvore, me aliava ao sentimento de exílio, em um desejo eremita eu ficava semanas isolado de mim mesmo, só os pequenos insetos me visitavam, para que, no instante certo, eu conseguisse perceber nas incontingências da natureza outras de-formações da vida, essa era a doença do meu olho.

*Deus deu a forma. Os artistas desformam.
É preciso desformar o mundo:
Tirar da natureza as naturalidades (BARROS, 1998, p. 75).*

Não nasci com essa doença da deformidade do olhar, acho que adquiri quando resolvi sair de mim, e comecei ver as outras coisas de dentro. Agora isto se tornou um ranço que tenho que levar para vida inteira.

Ouvi novamente uma voz sussurrando baixinho:

*- Você vai carregar água na peneira a vida toda.
Você vai encher os vazios com as suas peraltagens
e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos (BARROS, 1999, s/p).*

A minha imaginação começou ser habitada por astigmatismos e fazia da minha vida uma obra de arte. Oscar Wilde dizia que a vida imita a arte muito mais do que a arte imita a vida. Entendo que essa máxima não é de todo verdade, tanto a arte influencia a vida e vice-versa, ambas se inter-relacionam, talvez a arte e natureza seja uma coisa só.

Não sabia ao certo onde começava a arte e onde iniciava a natureza, isso talvez mesmo nem importe, pois, para mim, arte e natureza estava amalgamadas, o importante mesmo era perceber o que acontece quando elas se juntam, quais as possibilidades do olhar diante de tal acontecimento. Não existe um único olhar, existe na verdade uma multiplicidade do visível, inúmeras maneiras de ver e imaginar o mesmo objeto e o mesmo acontecimento. *Talvez para um fotógrafo, aquele pingo de sol na lata seja mais importante do que o esplendor do sol nos oceanos (BARROS, 2001, p. 35).*

Eu operava a vida por estas distorções e colecionava gravetos, objetos abandonados na praia, lugares que nunca visitei, todos esses achados eram guardados para que um dia pudesse ou não utilizar.

Meu projeto estético era de colecionar as distorções do olhar para inventar outras paisagens, outras imagens, eu era um ente entre imagens. Habitava por imagens e paisagens como seres "escalenos" - *desconstruídos por suas palavras (BARROS, 1992, p. 314).*

Tinha um gosto dos contrastes, pois, permitia visitar o ínfimo navegando pelos rastros das lesmas, mas não abandonava os BPS (bits por segundo). O ínfimo para mim era tão

sofisticado quando a Website, gostava de ser atravessado pela lentidão e pelos downloads. Era flexível aos discos rígidos quanto ao minúsculo coração de uma formiga.

Não tinha Wi-Fi, nem Wireless, mas mesmo assim me conectava a tudo e a todos, às vezes agia por meio de bluetooth, fazia inúmeros Downloads num processamento de altíssima velocidade e lentidão. Meu corpo tinha certos dispositivos que transferiam informações que me permitia operar por inúmeros Links, fazer Upload, Update, Upgrade. Entre carregamentos de dados, atualizações, melhoramentos das interfaces, eu tornava meu corpo mais potente, me conectava as redes que normalmente não se comunicam e permitia a transferência de informações de uma para outra, puro encontro, pura conexão, intensos Gateway⁴. Eu era pura informação.

Todas essas velocidades habitam em mim, fluxos de duração que agem como onda de um sistema tenso, que jamais fica estável, em sua velocidade e lentidão. Por essas ondas tudo é ou são fontes e possibilidades de invenção. A ciência não é menos autorizada em criar do que outras áreas de pensamento. As funções operavam multiplicidades do acontecer e elas são indispensáveis ao pensamento criativo.

Cabe registrar, ante de mais nada que a velocidade e o excesso de comunicação, não é necessariamente informação. “Não nos falta comunicação, ao contrário, nós temos comunicação demais, falta-nos criação” (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 130).

Mas, me deixei ser engolidor somente pelas funções, pelas referências, por proposições e pelas complexidades e velocidades das comunicações, eu não esqueci de que era preciso operar pelo plano de imanência, de recortar o caos de pensar por afectos e perceptos. Concordando com Nietzsche e Deleuze, torna-se preciso inventar possibilidades de vida e modos de existências.

Assim eu me fiz inventar artista, pois, desde cedo tinha um gosto torto de esticar a paisagem e coletar suas imagens, isso crescia dentro do meu olho. Às vezes tinha um desejo estranho de manipular as imagens, mas somente o fazia quando elas pediam, mas o gostoso mesmo era deixar acontecer.

Tinha hábitos noturnos pelos devires, gostava muito quando eles, inesperadamente, habitavam em mim, era um desfasamento de mim mesmo para outra coisa, eu me permitia funcionar de outra forma, optava sempre pelo improvável, tal qual o uso dos (des)objetos da artista Raquel Nava. Tudo isso era uma aposta acidental para os encontros inesperados. Encontro aberto ao improvável, entre o corpo, os objetos, as coisas e a paisagem e isso a me ver já era Ecologia que queria ser poesia.

Inaugurava-se em mim, uma ecologia incomum que desintegra e re-integra paisagens e reinventa diferentes singularidades, que captura através da lente uma natureza anônima, incomum, pulsante e impossível de controlar. É uma aposta no acidental, nos encontros mais inesperados que o artista cria suas ecologias dos despropósitos. O artista expõe uma poética do avesso, busca no improvável, no incomum, algo essencial para sua arte. É na precariedade dos materiais, que se apresentam de forma arbitrária, que eu-ente-artista apostava minhas narrativas e os meus (dês)arranjos.

Referências

BARROS, Manoel de. **Gramática expositiva do chão**: poesia quase toda. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

_____. **Tratado geral das grandezas do ínfimo**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

⁴ Ligação entre diferentes redes.

_____. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.

_____. **Livro sobre nada**. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

_____. **Ensaio fotográficos**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2000.

_____. **Exercícios de ser criança**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

BARTHES, R. **Câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. **O que é filosofia?** 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

GIL, José. **Fernando Pessoa ou a metafísica das sensações**. Lisboa: Relógio d' Água, 1986.

NAVES, R. **Farnese de Andrade**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Fragmento póstumo** n. 40 [20], de agosto-setembro de 1885; In: KSA. vol. 11, p. 637s.

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. Lisboa: Ática, 1982. v. 1.

SAUVAGNARGUES, Anne. **Deleuze del animal al arte**. Buenos Aires: Ed. Amorrortu, 2006.

SIMONDON, G. **La individuación a la luz de las nociones de forma y de información**. 1. ed. Buenos Aires: Ediciones La cebra y Editorial Cactus, 2015. 504 p.